

Shelly Zaclis Bronstein
A VIDA É CRÔNICA

Editor responsável
Well Souza
Produção Editorial
Kalyne Vieira
Capa e projeto gráfico
Luyse Costa
Diagramação
Equipe Trevo

Copyright © Shelly Zaclis Bronstein

Copyright © Editora Trevo

1ª EDIÇÃO, OUTUBRO 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

B869v Bronstein, Shelly Zaclis.

A vida é crônica / Shelly Zaclis Bronstein. – 1. ed. –
São Paulo : Editora Trevo, 2020.
168 p.; 14x21 cm.

ISBN 978-65-58510-08-6

1. Crônicas. 2. Cotidiano. 3. Literatura Brasileira.
I. Título. II. Assunto. III. Bronstein, Shelly Zaclis.

20-30219032

CDD B869.93
CDU 82-94(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira: Crônica.
2. Literatura: crônica (Brasil).

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário
Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846



EDITORA
Trevo

atendimento@editoratrevo.com.br
editoratrevo.com.br



@editoratrevo

Shelly Zaclis Bronstein
A VIDA É CRÔNICA

1ª edição, 2020
São Paulo





Para Sergio, Felipe e Camila.
Mais uma vez, e para sempre.



SUMÁRIO

NOTA AO LEITOR 11

DAS CRIANÇAS 15

ENTRE SUSHIS E SAUDADES 16

O DOCE MISTÉRIO DAS COLAS PRITT 18

24 X 7 NA FUNÇÃO DE SER INTEIRA 21

DA NATUREZA DO CÃO E DA CALOPSITA 24

A VIDA É TREM-BALA 27

REWIND 29

DO TEMPO 33

RODINHA DE RATO 34

A BELEZA DO GERÚNDIO 37

A ARTE DO TEMPO 39

TRANSTORNO DA ANSIEDADE COLETIVA 42

MEUS TRÊS REVEILLONS 45

CICLOS DA NATUREZA 48

O COTIDIANO 51

UM BRINDE AO VINHO 52

ORGULHO VERDE E AMARELO 54

IMPOSTO DE PREJUÍZO 58

FLOWER POWER 61

NOSSA OFEGANTE EPIDEMIA	64
MAPA ASTRAL	66
TELA AZUL	69

A MODERNIDADE **73**

(IN)CONVENIÊNCIA	74
RG BAIXO OU CHIP BUGADO?	77
LOVE AS A SERVICE	79
ESTA MENSAGEM FOI APAGADA	82
BANHEIRO NEUTRO	85
A LUZ E A SOMBRA DAS TELAS	88
RESSONÂNCIA MAGNÉTICA	90
IMAGEM É NADA, SEDE É TUDO	93

DO MUNDO INTERNO **97**

NOTÍCIA DIFÍCIL DE ENCARAR	98
ICEBERG	101
PAPO-CABEÇA	104
SHIATSU MENTAL	107
DIÁRIO DE GRATIDÃO	109
VERTIGEM	112

DAS ESCOLHAS **118**

CORAJOSO	116
TORNA-TE QUEM TU ÉS?	119
UM TAL KIERKEGAARD	121
LIGA PONTOS	124

SEJA VOZ, NÃO SEJA ECO	126
A PSICOLOGIA DA CORAGEM	129

DAS HISTÓRIAS E SABEDORIAS DISTANTES **133**

O AMOR E O VOCABULÁRIO	134
COMER, REZAR, AMAR	137
JuBus	139
WABI SABI	142
HISTÓRIAS E BANDEIRAS	144
APERTE O F5	147

DA ARTE E DA ESCRITA **151**

A ARTE IMITA A VIDA	152
TUDO O QUE EU SEMPRE QUIS DIZER	155
METAMORFOSE AMBULANTE	159
PALAVRA-DANINHA	161
POETINHA SANGUINÁRIA	163
OS ASSUNTOS QUE NOS PERSEGUEM	166



NOTA AO LEITOR


*“Ponha um pouco de amor numa cadência
E vai ver que ninguém no mundo vence
A beleza que tem um samba, não”.*
Vinicius de Moraes.

Alguns dias depois do lançamento do meu primeiro livro, recebi o telefonema de um amigo distante me felicitando. Ele tinha acabado de ler e disse que havia gostado bastante. Lembro que fez um comentário espirituoso sobre o subtítulo do livro (“quarenta anos, quarenta textos”), sugerindo que em uma década eu deveria estar pronta para publicar o próximo: cinquenta anos, cinquenta textos. Dei risada com o comentário, pois aquela ideia parecia tão distante! Não a parte dos cinquenta anos, pois estes já estão quase ali virando a esquina. Mas a noção de um novo livro, essa pareceu mais do que distante, pareceu bastante improvável.

A razão para tamanho ceticismo foi que durante muito tempo, achei que para escrever era necessário o sentimento à flor da pele, pois as linhas no papel nada mais eram do que um transbordamento. Precisava haver uma angústia, um arrebatamento, um medo, um nervo escancarado, alguma emoção muito evidente e palpável. Sempre cultivei a paz e a

tranquilidade, mas acreditava na equação: sossego = folha em branco. Assim, a escrita era para mim um exercício esporádico e passivo. Apenas quando alguma sensação muito aguda batia em minha porta, eu corria para o teclado na tentativa de apreender o momento ou de elaborar o que estava sentindo. Talvez esse meu olhar mistificado estivesse relacionado à figura lendária do meu poeta e letrista favorito, Vinícius de Moraes. Há um tempo revi o documentário sobre sua vida e no filme fica nítido que a paixão era seu grande combustível (casou-se sete vezes para manter essa chama acesa). Inspirava-se não apenas na intensidade de suas paixões, mas também na vastidão de ânimos que acompanhavam o início e término delas. Aliás, foi ele quem disse que é preciso um bocado de tristeza para fazer um belo samba.

Mas deixando Vinícius em paz na sua imortalidade e voltando a mim, reles mortal, a verdade é que entre os picos e vales de um casamento de quinze anos, um filho de onze, uma filha de nove, um trabalho no mundo corporativo, meu dia a dia tem sido uma grande aventura, porém uma aventura habitada de rotina. Muita rotina! É a reunião semanal, o dentista das crianças, o supermercado, a ginástica, o trânsito, a lição de casa, o imposto de renda, enfim... É a vida! E a vida não é aguda; a vida é crônica. Adoro escrever com os olhos marejados e o coração saindo pela boca, mas para exercitar o músculo da escrita, tive que encontrar estímulo também nas coisas mais prosaicas. Escrever vem me ajudando a expandir a consciência de que o cotidiano pode ser uma fonte inesgotável



de inspiração. Mais do que páginas preenchidas em formato de crônicas, a cadência da escrita vem me rendendo também uma vida com mais molejo, mais balanço e mais samba no pé.

Este livro, que há pouco mais de dois anos parecia-me improvável, reflete minha jornada em busca do encantamento que existe em absolutamente tudo – basta apurar o olhar.

Obrigada por compartilhar esta jornada comigo!



DAS CRIANÇAS

ENTRE SUSHIS E SAUDADES

Após um intenso dia de viagem, desses em que as panturrilhas queimam de tanto andar, mas a cabeça vaga livre, leve, e sorridente em seus horizontes expandidos, resolvemos encerrá-lo em um restaurante japonês, comida preferida de quatro entre os quatro membros da nossa família. Nem bem abrimos o cardápio, meu filho iniciou um papo um tanto inesperado, talvez inspirado em uma das muitas experiências vivenciadas durante o dia. Queria saber sobre uma de suas avós paternas, pois ele tem duas: uma de coração – presente e amada – e a outra de sangue, que ele infelizmente não teve o privilégio de conhecer.

Mas, diferente das outras vezes em que trouxe o assunto, não quis saber da história, mas sim das estórias. Queria saber dela. Perguntou como ela era, se era carinhosa. O que gostava de fazer? O que aprontavam juntos? Ouviu com os olhinhos brilhantes e atentos, e nem a chegada das coloridas iguarias nipônicas o conteve. Perguntou ao pai – de uma maneira tão sensível que jamais conseguiria descrever – se aquele assunto o deixaria triste – e ao saber que muitíssimo pelo contrário – deu a volta na mesa e se encaixou em seu colo, talvez para escutar mais de perto ou talvez para fundir-se com ele. Quis saber quando foi que ela partiu,

quantos anos ele tinha, como havia sido: havia sido aquele o dia mais triste de toda a sua vida?

Demorou para que o garçom voltasse para retirar os pratos, mas ele não queria saber de sobremesa, queria saber agora sobre saudade. Como era a saudade? Ainda doía? Que gosto ela tinha? Foi então que finalmente respirou e deixou-se transbordar. Falou de seu amor, de seu afeto. Falou de sua tristeza em saber que o pai havia vivido aquela dor. Deu nele o abraço mais apertado que até hoje pude testemunhar alguém dar. Como se seu pequeno corpinho de dez anos pudesse preencher um vazio. Como se soubesse o quanto aquele doce enlace era reparador. A irmã caçula logo se uniu ao gesto, emocionada, como quem se arrepia ao ouvir uma música, mesmo não entendendo perfeitamente sua letra. Ao nos trazer finalmente a conta, o contido jovem britânico se assustou ao ver a mesa debulhada em lágrimas. Estávamos os quatro muito comovidos, mas acredito que cada um com seus motivos diferentes.

Minhas lágrimas vinham de lugares variados, mas acho que era principalmente de orgulho. Um orgulho profundo em testemunhar o amadurecimento dos meus filhos, em vê-los tornando-se lindamente quem são. Ou talvez meu choro fosse de encantamento. Em alguns anos, não lembraria do nome daquele restaurante. Não lembraria da apresentação ou do gosto fabuloso daquela comida. Mas por toda a minha vida jamais esqueceria do dia em que o amor se fez tão palpável, que eu quase consegui segurá-lo nas minhas mãos.

O DOCE MISTÉRIO DAS COLAS PRITT

Se você acha que só porque virou o ano vai conseguir se desintoxicar daquela orgia consumista do Natal, está muitíssimo enganado. Sendo mãe ou pai de crianças em idade escolar, a resolução de Ano Novo de gastar menos vai ter que ficar para depois do Carnaval, porque janeiro é época de renovar o material escolar.

Todo ano, quando entro no site da escola para baixar a nova lista de material dos meus filhos me surpreendo com a quantidade de itens e com a abundância criativa do mercado papelero. Da próxima vez que precisar contratar um bom profissional de marketing, já sei onde procurar. São infindáveis tipos de canetas esferográficas, hidrográficas, lápis grafite, lápis de cor, eco lápis, tintas, pincéis, pastas, plásticos, blocos e papéis de diferentes gramaturas e dimensões. Isso sem falar nas colas! Outro dia sonhei que a escola faria um projeto – destes multidisciplinares construtivistas montessorianos waldorfanos – de colar as partes da placa tectônica que se rompeu no Sudeste Asiático com cola Pritt, tamanha a quantidade de tubos solicitada.

Sei que a maioria das mães compartilha comigo do ideal romântico de conseguir resolver todos os itens em um único lugar, com um único – e platônico – vendedor, mas isto quase nunca se faz possível.

Vendedor: “Senhora, infelizmente não temos a pasta vermelha para Matemática e o lápis chanfrado 2.7 mm. Temos apenas o 2.8 mm, mas ele não é chanfrado.”

Cliente ansiosa: “Acho que esta pasta laranja faz as vezes da vermelha e o lápis 2.8 mm vai dar conta, afinal, ele também escreve e este é o objetivo, não é?”

Vendedor: “Se a senhora não liga que sua filha seja a única com pasta de cor diferente, e se o lápis não for desconfortável para ela escrever, então acho que funciona sim.”

Depois de me sentir um pouco traída pelo vendedor quase perfeito e de tirar do carrinho os itens que denunciam minha culpa materna, avanço nos itens da lista e decido confiante que os apontadores com e sem depósito, a tesoura reta sem ponta, a régua de acrílico sem desenhos, o estojo e a lancheira ficarão de fora, pois serão minha oportunidade educativa de ensinar às crianças a importância de sermos conscientes com o meio ambiente e que não é preciso comprar todo ano tudo novo. Mas minha confiança – e minha pose de mãe ecologicamente correta – se esvai na mesma hora em que chego em casa e resolvo separar o material antigo. Percebo que o tsunami gerado pelo rompimento da placa tectônica que a escola está tentando restaurar com cola Pritt deve ter atingido o estojo do meu filho! Seria a única explicação plausível para que objetos se degradem tão rapidamente e uniformes novos fiquem tão encardidos em tão curto espaço de tempo. Se aquela filosofia popular (propagada por uma marca de sabão em pó) de que a sujeira é diretamente proporcional à alegria, posso ficar satisfeita em ver que meus filhos estão na escala máxima.

Depois de algumas papelerias diferentes e várias centenas de reais mais pobre, me dou conta de que vou ter saudade. Não necessariamente da pasta catálogo ofício A3 com 50 sacos plásticos de 3 furos, nem do papel canson 325 x 235 mm, 8 cores, 120g/m2 e nem da perspectiva de ter que etiquetar essa parafernália toda – item por item – para ambos os filhos. Mas vou ter saudades desses tempos de uniformes encardidos, canetinhas, giz de cera, lápis de cor, colagens, letras gordinhas e desenhos mágicos. Tempos de tê-los na barra da minha saia. Tempos tão doces, tão ternos e tempos que não voltam mais.